

EGAS MONIZ

Corre o ano de 1128.

Portugal ensaia os primeiros passos da sua recém-adquirida e mal consolidada independência. Afonso Henriques, senhor dos seus Estados após a batalha de S. Mamede, derrota novamente o inimigo em Val-devez.

O vencido, Afonso de Leão e Castela não desiste de juntar o antigo condado portugalense aos seus domínios.

Sabendo que Afonso Henriques tem a sua corte em Guimarães, entra com o seu exército pela Galiza, e põe cerco à vila.



Apanhados de improviso, os sitiados resistem desesperadamente, esgotando os seus minguados recursos.



A situação é trágica D. Egas! Não temos salvação possível!

Coragem, jovem rei! Confiamos na Providência dos Céus!



Este belo sonho, Portugal independente, não pode acabar assim! Tenho que arranjar uma solução!



Pela calada da noite, D. Egas Moniz sai da vila e dirige-se ao campo inimigo.



Dizei a El-Rei que Egas Moniz, cavaleiro de Portugal requer audiência.



Que vos traz à minha presença, senhor D. Egas?

O desejo de acabar com esta luta fratricida!



Dois princípios cristãos empacados numa luta entre si, quando o seu esforço é necessário para repeler a crescente ameaça dos infiéis!



Se vindes em nome do vosso senhor prestar-me vassalagem e reconhecer-me como legítimo herdeiro destes Estados, levantarei o cerco, desde que D. Afonso compareça nas Cortes de Leão a prestar-me tributo.



Se é essa a vossa condição, assim se fará. Tendes a minha palavra.

No dia seguinte...

O inimigo retira! Que se passa? Não compreendo!



Perdoa-me, Afonso! Para que o cerco fosse levantado prometi que prestarias vassalagem ao Rei de Leão!



Nunca! Prefiro morrer lutando, de arma na mão, mas livre, do que submeter-me aos meus inimigos!

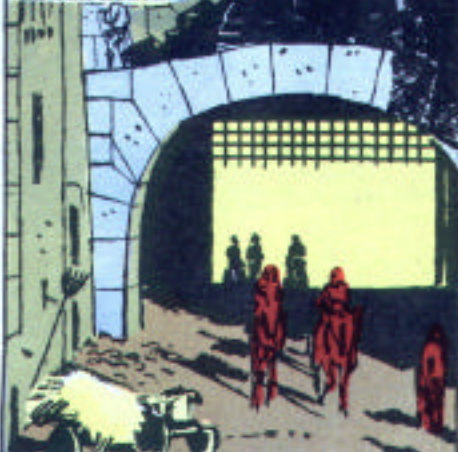


Aproveita então a trégua para consolidares a independência que, a minha palavra, eu a resgatarei!

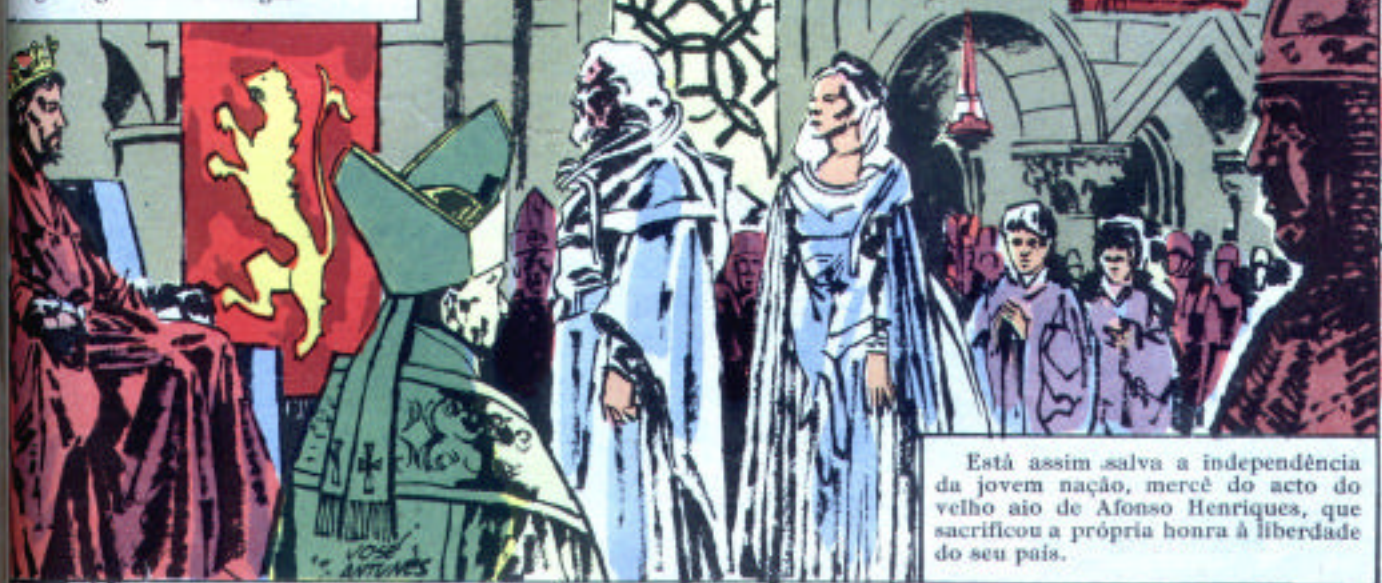


Acompanhado de sua mulher e filhos D. Egas Moniz dirige-se a Toledo. Vão trajados de réus sentenciados, com grossos baraços ao pescoço.

O nobre cavaleiro vai prestar contas da sua palavra, oferecendo a própria vida e as dos seus, como resgate da sua honra.



Assombrado pelo gesto magnífico o inimigo compreende e perdoa. Egas regressa a Portugal.



Está assim salva a independência da jovem nação, mercê do acto do velho aio de Afonso Henriques, que sacrificou a própria honra à liberdade do seu país.